

## MAFALALA: “UMA RELÍQUIA SOCIOCULTURAL” POR DESCOBRIR

### MAFALALA: "A SOCIO-CULTURAL RELIC" TO BE DISCOVERED

Recebido: 24/10/2022

Aprovado: 15/12/2022

Publicado: 29/12/2022

DOI: 10.18817/rlj.v6i2.3107

Ernesto Guimino Júnior<sup>1</sup>

Orcid Id: <https://orcid.org/0000-0001-73738100>

**Resumo:** O objeto de estudo da presente pesquisa é o **Bairro da Mafalala**, localizado nas imediações da Cidade de Maputo. Esta é parte integrante do projeto “Narrativas do Tufo da Mafalala”, que está incluso no grande projeto “Diversidades linguísticas e culturais em narrativas orais e escritas como vetor de desenvolvimento sustentável de comunidades tradicionais do Brasil, Argentina, Peru e Moçambique”. Partimos das seguintes questões de pesquisa: (1) Que fatores socio-históricos e culturais terão concorrido para a fundação do bairro da Mafalala? (2) Qual é o panorama linguístico, artístico e cultural do **Bairro da Mafalala**? (3) Em que medida “O Tufo da Mafalala” sofreu influência contextual e é sustentável?. Em busca da resposta às questões propostas, depois da contextualização, apresentamos a revisão de estudos sobre a situação linguística de Moçambique, DIAS (2010), NHAMPOCA (2021), FIRMINO (2000), SITO E & NGUNGA (2000), Chimbutane (2015) e revisitámos pesquisas atinentes à historiografia da Cidade de Maputo e dos bairros periféricos, nomeadamente, SARAMAGO (2019), MORAIS et.at. (2016), MELO (2013) e ROSA (2002). Para fundamentarmos as características socioculturais e linguísticas, recorremos a NOA (2020) e Le Bon (2015). A seguir, descrevemos a metodologia de recolha e análise de dados que consistiu na pesquisa bibliográfica e análise de conteúdo das entrevistas feitas no âmbito deste projeto. Por fim, apresentamos as conclusões do estudo.

**Palavras-chave:** Mafalala; Tufo; diversidade linguístico-cultural

**Abstract:** The object of study of the present research is the mythical **Bairro da Mafalala**, located in the outskirts of Maputo City. This is an integral part of the project "Narratives of Tufo of Mafalala ", which is included in the major project "Linguistic and cultural diversities in oral and written narratives as a vector for sustainable development of traditional communities in Brazil, Argentina, Peru, and Mozambique". Our research questions are: (1) Which socio-historical and cultural factors contributed to the foundation of Mafalala Neighbourhood? (2) What is the linguistic, artistic, and cultural background of **Mafalala neighbourhood**? (3) To what extent has "O Tufo of Mafalala" suffered contextual influence and is it sustainable?. In search of an answer to the proposed questions, after the contextualization, we presented the review of studies on the linguistic situation of Mozambique, DIAS (2010), NHAMPOCA (2021), FIRMINO (2000), SITO E & NGUNGA (2000), CHIMBUTANE (2015) and revisited research concerning the historiography of Maputo City and the peripheral neighbourhoods, namely, SARAMAGO (2019), MORAIS et.at. (2016), MELO (2013) and ROSA (2002). To substantiate the sociocultural and linguistic characteristics, we resorted to NOA (2020) and LE BON (2015). Next, we described the methodology of data collection and analysis which consisted of bibliographic research and content analysis of the interviews conducted within the scope of this project. Finally, we presented the study's conclusions.

**Keywords:** Mafalala; Tufo; linguistic and cultural diversity

---

<sup>1</sup> Ernesto Guimino Junior, doutorado em Ciências da Linguagem, Aplicadas ao Ensino de Português, Mestrado em Educação Ensino de Português, Licenciado em Ensino de Português. Autor de Manuais Escolares, pela Texto Editores (adotados pelo MINEDH, 2017-2021); artigos diversos, e seguintes Livros: Manual de Técnicas de Expressão em Língua Portuguesa, Maputo, UP, 2010; Reescrita no 2º ciclo do Ensino Secundário Geral, Maputo, Texto Editores, 2015; Pedagogia da Escrita. [www.nea-edicoes.com](http://www.nea-edicoes.com), 2021; Ensino da Escrita: Promoção da Capacidade de produção textual. [www.nea-edicoes.com](http://www.nea-edicoes.com), 2020. E-mail: [guiminoernesto@gmail.com](mailto:guiminoernesto@gmail.com)

## Breve Contextualização

O lendário Bairro da Mafalala - objecto de estudo deste artigo - faz fronteira com a cidade de cimento, Maputo (então, Lourenço Marques), na avenida Craveiro Lopes (hoje, Acordos de Lusaka), que separa o Bairro da Mafalala do bairro urbano, da Malhangalene, e do Bairro da Munhuana, através da Av. Caldas Xavier (hoje, Marien Ngouabi), ou dos famosos bairros Indígenas, Chamanculo e Xipamanine, através da Av. de Angola (cf. NOA, 2020, p.60).

Essa asserção alicerça-se no facto de, quase, todas as etnias e todas as diferentes línguas que são faladas em Moçambique estarem, como veremos neste artigo, bem presentes e em convivência harmoniosa neste subúrbio. Essa diversidade também é marcada pela coexistência de diferentes religiões, pessoas de origem cristã e muçulmana vivendo em total harmonia.

Conforme a literatura compulsada, este é um dos mais famosos subúrbios da cidade capital – Maputo – em virtude de estar associado à emergência da identidade moçambicana, nomeadamente, à oposição política à administração colonial portuguesa. LE BON (2015), por exemplo, afirma que foi na Mafalala onde estava localizada a “Base Galo” que agrupava jovens anónimos que, em Setembro de 1974, desencadearam a “operação Galo” dando suas vidas na batalha final para desalojar o Colonialismo Português do seu último reduto, em apoio aos Acordos de Lusaka. Ademais, muitas personalidades notáveis de Moçambique que corporizaram “o projeto da Independência Nacional”, nasceram e/ou cresceram nesse bairro, são os casos de: José Craveirinha (poeta); Noémia de Sousa (poetisa), Samora Machel (político); Pascoal Mucumbi (médico e político), Joaquim Chissano (político), além de artistas e futebolistas renomados, por exemplo, Fany Mfumo (músico), Ricardo Chibanga (toureiro), Eusébio da Silva Ferreira (futebolista); Hilário da Conceição (futebolista); entre outros.

São **objetivos específicos** deste estudo:

- Identificar os fatores sócio históricos e culturais que terão concorrido para o surgimento do bairro/subúrbio da Mafalala;
- Descrever a diversidade linguística, artístico e cultural do Bairro da Mafalala.
- Analisar as influências contextuais no “Tufo da Mafalala” e sua sustentabilidade.

## Breve revisão da Literatura

## Diversidade cultural e linguística em Moçambique

A sociedade moçambicana é multilíngue, pluriétnica, multirracial e socialmente estratificada (DIAS, 2010). Existem no país, na ótica da autora em pauta, várias formas de organização social, cultural, política e religiosa; há várias crenças, línguas, costumes, tradições e várias formas de educação<sup>2</sup>. A principal característica do património cultural moçambicano é a sua diversidade. As manifestações e expressões culturais são ricas e plurais, sobretudo as ligadas às camadas “populares” (Idem).

O território da República de Moçambique é dividido em onze províncias, designadamente, Niassa; Cabo Delgado; Nampula; Zambézia; Tete; Manica; Sofala; Inhambane; Gaza; Província de Maputo e Cidade de Maputo. Nas diferentes províncias, os moçambicanos, de acordo com RHORMENS (2013), organizam-se em distintos grupos étnicos a saber: (Bi)Tonga, Chopi, Povos do baixo Zambeze, Maconde, Macua, Tsonga, Xonakaranga, Nguni, Islamizados do litoral norte, Yao, Maravi; é natural que cada povo possui a sua cultura, crenças, tradições e língua (embora a língua oficial do país seja o Português).

Conforme MARNEY (1980), Moçambique, por ser possuidor de vários grupos étnicos, é repleto de danças tradicionais, tais como Xigubo, Tahura, Tamadune, Tufo, Maulide, Lingundumbwe, Nyau e Mapiko.

A língua oficial em Moçambique é a língua portuguesa, mas não é a língua maioritária; foi escolhida como oficial por razões políticas relacionadas com a Unidade Nacional e com o fato de não haver, à altura da Independência nenhuma língua que estivesse suficientemente “modernizada” para ser capaz de veicular a Ciência, a Tecnologia e ser capaz de servir de língua franca em todo o território nacional.

De acordo com dados do INE/NELIMO (2000, p.108), estão presentes no país 30 agrupamentos linguísticos. A maior parte das línguas são de origem bantu, mas também se fala, para além do Português, línguas europeias [Inglês, Francês, Espanhol, Italiano, Russo, Alemão], outras línguas [Africanas, Árabe, Sutho] e línguas asiáticas [Hindi, Gujurati e Chinês]. De acordo com dados do INE/NELIMO (2000, p.108), estão presentes no país 30 agrupamentos linguísticos. A maior parte das línguas são de origem bantu, mas também se fala, para além do Português, línguas

---

<sup>2</sup> Conforma Dias (op.cit), existe a educação formal que ocorre nas escolas e a informal que é transmitida por via de formal e informal tradicionais, com particular incidência durante os ritos de iniciação das crianças e jovens.

européias [Inglês, Francês, Espanhol, Italiano, Russo, Alemão], outras línguas [Africanas, Árabe, Sutho] e línguas asiáticas [Hindi, Gujurati e Chinês].

Os moçambicanos, geralmente, têm uma língua materna (LM) do grupo bantu e falam duas a quatro línguas de origem bantu, ou seja, são bilíngues, trilingues, ou mesmo multilingues, no que concerne às Línguas Bantu.

No que concerne especificamente às Línguas bantu, estudos sociolinguísticos e dialetológicos não permitem ainda distinguir as unidades que devem ser consideradas variantes dialetais, i.é., variantes geográficas de uma Língua. Em virtude disso, não é ainda possível definir exatamente quantas línguas bantus existem no país.

Com base em inventários de Firmino (2000), Siteo e Ngunga (2000); Chimbutane (2015), entre outros, pode-se dizer que línguas são faladas em Moçambique e em que províncias. Desse arrolamento, apresentamos uma breve síntese panorâmica da situação linguística de Moçambique.

Assim, teríamos: Xi-maconde (Cabo Delgado); Xi-mwani (Cabo Delgado); Yao (Niassa), Ci-nyanja (Niassa, Tete, e Zambézia); E-mácua (Cabo Delgado, Nampula, Niassa e Zambézia); E-lomwé (Zambézia); chi-chuabo (Zambézia), Nyungué (Tete); Ci-sena (sofala, Tete, Manica e Zambézia); Cibalke (Manica); Tsihwa (Inhambane); gitonga (Inhambane), Ci-chope (Inhambane e gaza), Xi-changana (Gaza, Maputo Cidade e província de Maputo); Xi-rhonga (Maputo Cidade e Província).

Esta diversidade linguística e cultural que caracteriza o país é exacerbada, como se pode perceber das diferentes perspectivas arroladas neste trabalho, pelos movimentos migratórios, uma vez que, por exemplo, numa província encontramos várias línguas e culturas diversas em contato, principalmente nos centros urbanos. O exemplo mais flagrante é o da Cidade de Maputo.

Os resultados dos últimos censos populacionais, em Moçambique, vêm demonstrando a existência de assimetrias económicas entre o campo e a cidade. Inserida num corredor de transportes para a África do sul e constituindo a capital do país, sediando, por isso, toda a máquina administrativa do Estado, das empresas multinacionais e das grandes agências de desenvolvimento internacional, em conformidade com Fijó & Raimundo (2018) – embora recentemente a indústria extrativa tenha feito investimentos significativos no eixo Tete/Moatize e Cabo Delgado/Afungi – a Cidade de Maputo constitui o espaço de maior investimento, ao longo de anos, como veremos nos fatores que dão origem aos bairros periféricos. É

nessa linha de raciocínio que a Cidade de Maputo, com as melhores infraestruturas ferro-portuárias do país, (corredor que permite o acesso à África do sul), detentora de grandes mercados formais e informais, um nível notável de mobilidade social, etc. tem atraído moçambicanos oriundos de todas as províncias do país, estrangeiros provenientes dos países vizinhos, da região dos grandes lagos e asiáticos, em busca de oportunidades de investimento e/ou de estratégias de sobrevivência.

Os movimentos migratórios supramencionados têm como corolário a situação de diversidade étnica, linguística e cultural no centro e na periferia da Cidade de Maputo, o que é corroborado pelos resultados definitivos do Recenseamento Geral da População e Habitação (SENSO de 2017) ao indicarem, por exemplo, que do grupo de Línguas Maternas, na Cidade de Maputo, além do Português com 4.14730 falantes, temos o Xi-Changana (60.2939); Ci-Copi (16.267); Xi-Tshwa (13.559); Gitonga (22.9410) e outras línguas de origem asiática (10.438).]

Dias (2010), *grosso modo*, observa que a matriz cultural do povo moçambicano é diversificada e que a cultura moçambicana foi sempre marcada pela miscigenação cultural que advém das migrações bantu e do contato que estes vão ter com outras civilizações, sobretudo a árabe e a asiática (com maior incidência no litoral). Outrossim, aponta que a colonização portuguesa [iniciada em 1498] vai trazer influências europeias que vão ser acrescidas pelas culturas de comunidades imigrantes da Índia e da China que se vão fixar em vários pontos de Moçambique, com particular realce para os centros urbanos. Após a Independência, os moçambicanos vão também adquirir valores culturais, éticos e morais que nos vão ser transmitidos pela política socialista e pelo contato com “cooperantes” russos, cubanos, búlgaros, norte-coreanos, chineses, alemães [RDA].

Com a queda do muro de Berlim, nos finais da década de '80, que simbolicamente marca o colapso do socialismo no Mundo, Moçambique, com a introdução do Programa de Reabilitação Económico (PRE), adere às reformas do FMI e do Banco Mundial. Na linha argumentativa de DIAS (2010), Moçambique passa a defender valores morais antagônicos ao Socialismo como a vigência da lógica dos mercados, a supremacia do setor financeiro, a privatização, a (des)regulamentação do setor financeiro, a (des)nacionalização das riquezas naturais, integração nos mercados internacionais. Este estado de coisas é exacerbado, sobretudo, nas camadas jovens das zonas urbanas e periurbanas, por influência da globalização e da adesão às novas tecnologias de informação e comunicação (TICs), que promovem

mudanças notórias de costumes e hábitos culturais, por exemplo, ao nível do vestuário, da alimentação, dos gostos musicais, a disposição para a luxo, etc.

Culturalmente, com esta nova visão do mundo, tanto se assumem valores transnacionais, como também se revalorizam as culturas locais. É nesta linha de raciocínio que Dias (op.cit) observa que se exaltam os direitos e liberdades individuais, bem como preserva-se o particular, defende-se a alteridade, a diferença, a subjetividade, etc. em suma, se advoga a diversidade cultural como elemento importante do desenvolvimento nacional, é por isso que em Moçambique, fala-se da “unidade na diversidade”.

Além disso, destaca-se o facto de grupos imigrantes, uma vez estabelecidos no centro da cidade e/ou na periferia, terem a tendência de recriarem os seus usos e costumes, e os rituais típicos das regiões de que são originários, dadas as influências de outras comunidades ou civilizações com que convivem, do que resulta a pressão sociocultural para se identificarem e adaptarem aos contextos urbanos, por forma a conseguir atingir os seus intentos (a melhor inserção sócio económico e cultural possível), sob o risco de marginalização.

Assim, encontram-se na Cidade de Maputo comunidades imigrantes identificáveis, não só pelas suas Línguas Maternas (LM), como também por algumas práticas culturais emblemáticas das regiões de origem, quer em forma de cânticos, danças, instrumentos musicais, narrativas orais ou escritas e/ou outros artefatos. Tal é o caso, por exemplo, da comunidade Hindu, Gujurati; da comunidade Maconde (na zona militar), dos Machopes do Xipamanine; dos Maconde, do Núcleo de Arte Maconde, na marginal, dos Macua do histórico bairro da Mafalala, famosos pela prática da mística dança de origem árabe (imigrante da Ilha de Moçambique, Angoche e outros pontos da província de Nampula, para o sul de Moçambique)<sup>3</sup> - o Tufo. Estes fenómenos migratórios tornam a área metropolitana do “Grande Maputo” com duas características típicas das grandes cidades: (i) a diversidade étnica, linguística e cultural; (ii) a constituição dessa região como o epicentro de fluxos migratórios oriundos de todo o país, dos países vizinhos, dos países asiáticos, etc.

No que concerne à análise das relações campo – cidade, na senda de Feijó & Raimundo (2018), reside um conjunto de obstáculos que dificulta a compreensão da

---

<sup>3</sup> Esta asserção é corroborada por Lutero & Pereira (1980) que observam que “os comerciantes árabes, que progressivamente ocupavam a costa oriental de África, marcaram mais ou menos profundamente a cultura da região, mesmo quando ela nos parece hoje, mesclada com a cultura bantu.

complexidade deste fenómeno. Os autores em pauta referem que as distinções conceptuais entre o rural e o urbano são dinâmicas e que são alvos de definições políticas, frequentemente elaboradas de forma arbitrária. Feijó & Raimundo (*op.cit*), no que concerne à representação e estudo das relações campo e cidade, criticam os métodos estatísticos cuja grande limitação consiste no recurso a gráficos, para explicar o mundo rural separado do mundo urbano, como duas realidades completamente separadas uma da outra; muito pelo contrário, em estudos culturais de índole qualitativa, abstraindo-se de toda a complexidade de definições, percebe-se que se trata de mundos completamente híbridos e com fronteiras frágeis e pouco claras.

Porém, por constituir-se enquanto espaço suburbano da Cidade de Maputo, sem retomarmos os aspetos já referidos nesta revisão, vamo-nos deter, de modo breve, na fundamentação histórico-social do surgimento desse bairro e da diversidade cultural que lhe é peculiar, apoiadas nos elementos inerentes à historiografia da Cidade de Lourenço Marques.

### **Cidade de Maputo: elementos histórico-culturais**

A Cidade de Maputo, outrora Lourenço Marques, é a Capital da República de Moçambique. Administrativamente, constitui um Município com Governo eleito e, desde 1980, tem também o estatuto de província, com dez distritos urbanos. A Baixa da Cidade possui um extenso mercado municipal de estilo neoclássico.

Em conformidade com Saramago (2019:16), D. Maria<sup>4</sup> ordenara que se fundasse um presídio em Lourenço Marques, a fim de restabelecer o comércio. Para o efeito, nomeara Joaquim de Araújo ao cargo de Governador e Capitão-Mor da Baía. É este, segundo Morais *et al* (2016:12), *apud* Saramago (2019), que dá início à construção da feitoria para o controlo e reafirmação dos direitos de Portugal naqueles territórios, monopolizando o comércio e implementando a feitoria. O presídio de Lourenço Marques (conforme a mesma fonte) foi inaugurado no dia de S. José no ano de 1782. Todavia, a morte inesperada de Araújo, no mesmo ano, que resultou numa crise em todos os sentidos, particularmente financeira, e o ataque de tropas francesas em 1796, reduziu o empreendimento a zero. Morais *et al* (*op.cit*), *apud* Saramago

---

<sup>4</sup> Reinou em Portugal de 24 de Fevereiro de 1777 a 20/03/1816

(*op.cit*), reportam que o presídio só viria a ser reedificado, ao invés do material precário, em pedra e cal a partir de 1805 e concluído em 1814.

De acordo com Moraes et al (2012), em 1825, urge a necessidade de fortalecer a presença portuguesa no território, com o surgimento da Companhia Comercial de Lourenço Marques, tendo chegado ao território um efetivo de colonos cujo objetivo era de formar uma colônia agrícola. É este efetivo que impulsiona o desenvolvimento do povoado e insere a estrutura de assentamento da futura vila. Além da fortaleza, nessa época já existiam os edifícios da companhia. Embora esta tenha sido dissolvida em 1835, o fluxo de colonizadores à Lourenço Marques continuou intenso, tendo estes se empenhado na construção de novos assentamentos, ou seja, territórios construídos pelos europeus. Henriques (1998), apud Saramago (*op.cit*:18), explica que este efetivo não repele os nativos.

Durante a segunda metade do século XIX, surgiram duas ameaças: (i) a guerra contra os Vátuas e (ii) as pretensões da Inglaterra. Assim, com a eminência da invasão dos Vátuas, em 1867 é construída uma linha de defesa na orla do presídio, desde a baixa pantanosa, até à praia, impedindo a entrada dos nativos no povoado. Assim, acreditava-se que estavam criadas as condições para o investimento em Lourenço Marques (MENDES, 1985), apud Saramago (2019, p. 20). Em consequência desse investimento, de acordo com Mendes (*op. cit*), citado por Saramago (2019), o povoado de Lourenço Marques é elevado à categoria de Vila aos 19 de Dezembro de 1876, sob designação Vila de Lourenço Marques e sem ultrapassar o perímetro de defesa.

O crescimento da vila, para além da orla da defesa, implicou que, com a desapropriação de terrenos, os colonizadores alojassem os nativos em novos territórios, porém, segundo Melo (2013), Rosa (2002), Valla (1999), apud Saramago (2019, p. 21), os desapropriados tendem a recriar as suas culturas ajustando-se ao lugar, tendo em consideração as condições geofísicas.

Nesta perspectiva, Saramago (*op.cit*:22) infere que esse processo de assentamento urbano leva ao cruzamento de influências entre nativos e colonizadores e ao surgimento de novos povoados.

### **De Vila à Cidade: algumas implicações**

A elevação da categoria de Vila ao estatuto de Cidade foi um processo demorado que só viria a acontecer na segunda metade do século XIX, concretamente, aos 10 de Novembro de 1887 pelo Rei- Henriques de Macedo.

Da metrópole chega à Cidade de Lourenço Marques o Engenheiro Joaquim Machado que vinha com o intuito de elaborar o 1º plano da Cidade de Lourenço de Marques – relacionado com os modelos de desenvolvimento urbano da metrópole, nomeadamente, de Lisboa (Morais, *et al*, 2001) apud Saramago (*op.cit*). Este plano de ampliação visava, por um lado, dar continuidade da estrutura pré-existente, alargando-a de modo a torná-la mais estruturante da cidade, por outro, a demolição da linha de defesa; a realização do primeiro projeto de salubridade que consistiu na secagem dos pântanos na baixa da cidade, dar continuidade ao traçado da linha férrea que já havia sido iniciado, e integração no plano urbano de infraestruturas que se encontravam fora da orla de defesa. São os casos do novo hospital, a nova igreja, o novo quartel, no Alto Maé; o Jardim da sociedade de horticultura e Floricultura (o atual Jardim Tundururu) e a estrada para a ponta vermelha – onde se encontrava a residência do Governador e alguns núcleos de edifícios e algumas rotundas, sendo a principal a que servia a linha ferro portuária e de 58 quarteirões – porém, respeitando alguns preceitos político económico, uma vez que a cidade devia ter uma base económica de natureza portuária e, porque as terras haviam sido concedidas a estrangeiros. Este é o caso do Dr. Oscar Sommerschild e a Transval Delagoa Bay Investment, Lda.

Fatores de natureza política, também conferem visibilidade à Cidade de Lourenço, como defende Saramago (*op.cit*), senão vejamos: a proclamação da decisão arbitral de Mac-Mahon, em 1875, que reconhece a soberania portuguesa sobre Lourenço Marques e a definição de fronteiras desta região na conferência de Berlim em 1825 (MELO, 2013, p.74), *apud* Saramago (*op.cit*). Estes acontecimentos, Conforme os autores citados, concorrem para a elevação da Cidade de Lourenço Marques ao estatuto de Capital da Província Portuguesa em Moçambique, a 01 de dezembro de 1898.

É assim que com o estatuto de Capital da Província Ultramarina, Lourenço Marques atinge um caráter político de alta dimensão; o que concorreu para a edificação de infraestruturas públicas e uma grande evolução na vertente comercial; Para os autores supramencionados, a expansão da linha férrea de Lourenço Marques à Transval impulsiona o desenvolvimento ferro-portuário; no ano 1900, inicia o abastecimento regular de água e energia elétrica; em 1904 começa a circulação dos elétricos que ligam a Baixa de Lourenço Marques (antigo núcleo da colônia) a parte central da Cidade, o Alto Maé e o centro Financeiro comercial.

## Bairro da Mafalala

O bairro da Mafalala nasce como consequência da ocupação colonial portuguesa do território moçambicano e dos movimentos migratórios no país. Conforme esclarecem Laranjeira *at al* (2016), *apud* Saramago (2019, p.47), o surgimento da Mafalala deve-se a dois acontecimentos: (i) o incêndio que acontece na povoação portuguesa, em 1875, o que teve como consequência que as populações nativas se afastassem cada vez mais do povoado dos portugueses; (ii) em 1895, tem início um processo de expropriação de terrenos, decorrente da necessidade de ampliação da Cidade de Lourenço Marques.

Ainda na esteira de Laranjeira (*op.cit*), na linha dos fatos que impulsionaram o surgimento da Mafalala, pode citar-se a inauguração de linha férrea no ano de 1894, o que favorece à chegada de um elevado número de imigrantes à Nova Capital Provincial, servindo-se da Mafalala como espaço de alojamento provisório (?).

Saramago (2019) esclarece que, no início do século XX, se assiste a um crescimento exponencial da área urbana em dois sentidos: (i) em direção à Ponta vermelha e (ii) ao Alto Maé. Este facto, como já nos referimos em parágrafos precedentes, concorre para que as populações indígenas ali existentes sejam empurradas para o interior, i.é., para a zona suburbana. É nesta área pantanosa, portanto, propensa às inundações em época chuvosa, que os expropriados fixavam as suas residências. Assim, nasce o bairro da Mafalala.

Laranjeira (*op.cit*), *apud* Saramago (2019, p. 48), refere que a designação do bairro Mafalala é de origem Macua, em virtude de naqueles tempos esta etnia ser a maioria, relativamente aos restantes imigrantes oriundos um pouco de todo o território nacional. É nesta senda que Mafalala, conforme Saramago (*op. cit*: 48), tornou-se num lugar de coabitação multicultural e pluriétnico muito como consequência da colonização e das migrações internas.

Essa asserção é corroborada por Noa (2020, p. 62) que advoga que:

Mafalala é irrecusavelmente um dos bairros de maior estandarte da policromática multiculturalidade (...) ali vivem negros, mulatos, indianos, chineses, e alguns brancos. Estes últimos formando três grupos bem demarcados, pois eram maioritariamente comerciantes, ou cantineiros, como na época eram tratados.

Este autor defende ainda a ideia de que a Mafalala é “o microcosmo” da sociedade moçambicana, que apesar das adversidades que a vida lhes impunha, o respeito pelo próximo e pelos costumes era exigido em quase todas as famílias como um valor supremo e inegociável.

Aliás, na senda de Noa (2020), esse elevado sentido de existência comunitária, associada a um intenso sentido de autossuperação, inspirados e apoiados no exemplo dos mais velhos, talvez justifique o facto de, deste bairro, terem saído algumas figuras mais proeminentes de uma nação por vir, dentre intelectuais, nacionalistas, políticos, desportistas, músicos, poetas, tais como, Samora Machel e Joaquim Chissano, 1º e 2º presidente de Moçambique independente, respectivamente; Dr. Pascoal Mucumbi (antigo Ministro da Saúde e antigo Primeiro Ministro, na época socialista). Desportistas, como Eusébio da Silva Ferreira (um dos melhores futebolistas do Benfica de Portugal e o maior goleador da seleção Portuguesa nas décadas de '60 e de '70).

Noa (2020) alude ao facto de, do período colonial na Mafalala, conservar na memória, como uma etnopaisagem, os movimentos culturais de então. Apesar da perseguição colonial, aos domingos eram inúmeros os grupos culturais que desfilavam em exibição dos seus vastos repertórios, o que para este estudioso constituía momentos privilegiados do contato com parte significativa do património cultural genuinamente moçambicano. É que dessas longínquas e inesquecíveis tardes dominicais, alegres e audaciosas, o autor em pauta relata que se exibiam inúmeros grupos de danças e cânticos típicos da terra – o que constituía momentos únicos ou, então, similares aos que, por ocasião de celebração de algum ritual como era, por exemplo, a prática da circuncisão, entre a comunidade macua. Por essas alturas, tratava-se, pois, de macuas da Ilha de Moçambique que encontravam um espaço de preservação de um legado cultural, que marca a passagem de jovens para a vida adulta. Por ocasião desses eventos, ensaiavam-se cânticos e danças, sobretudo, o tufo.

Como consequência imputável ao colonialismo e aos movimentos migratórios, mais do que qualquer outro bairro, conforme Noa (op.cit), a Mafalala institui-se como um notável ensaio laboratorial de coabitação multiétnica, multicultural e plurirracial, tudo isto decorrendo de forma imprevista, não programada, de modo contraditório e à revelia da administração colonial portuguesa, dado o seu carácter profundamente segregacionista.

É este o bairro que constitui o “santuário” de grupo Tufo, (dança de origem árabe, imigrante de vários pontos da Província de Nampula, que é o principal cartão de visita do bairro). Por essa razão, no bairro existe a Associação do Tufo da Mafalala, para a preservação desta “marca”<sup>5</sup>Cultural.

### **Origens e influências contextuais no Tufo**

De acordo com Lutero e Pereira (1980: 18-19), a dança Tufo tem origem árabe. Sobre esta origem, Cachat (2018: 188), referenciando um documento anónimo conservado no museu de São Paulo, indica que o tufo era, e continua a ser, em algumas circunstâncias, “um cântico de louvores ao Profeta e um instrumento de proselitismo, às vezes, designado *maulid nabí*, nome da cerimónia de comemoração do nascimento do Profeta, que constituía a atividade essencial dos grupos.” Em suma, o tufo é uma dança de origem árabe antes exclusivamente praticada no contexto de cerimónias religiosas islâmicas para louvar o nascimento do Profeta Mohamed. Lutero e Pereira (op. cit.) consideram que o nome “tufo” deriva, provavelmente, dos instrumentos de percussão, os pandeiros e pandeiretas, que acompanham a dança. Segundo explicam, “tufo” vem do étimo árabe “ad-duff”, étimo do qual resultaram, em português, as palavras “adufe” e “adufo” que dizem respeito ao pandeiro muito popular na península ibérica. Em E-mácua, a língua bantu predominante em Nampula, a derivação de “ad-duff” terá sido “tufo”, porque nesta língua não existe a interdental sonora [d] que, portanto, foi substituída pela consoante surda correspondente [t].

A Ilha de Moçambique considera-se como o ponto de entrada do Tufo no país e o maior ponto de referência, no que ao Tufo, reporta. Segundo Cachat (2018), os “grupos-mãe” da ilha têm “grupos-irmãs,” ou seja, grupos deles derivados. O Tufo também é praticado noutros pontos do país, nomeadamente, Cabo Delegado, na região centro e sul onde se encontram comunidades Macua imigrantes (Lutero & Pereira, op.cit).

Cachat (2018) refere que a independência (1975) constitui um marco no Tufo, em virtude da dimensão política assumida, o que concorre a adoção de designações relacionadas com a época revolucionária que se vivia no país, são exemplos: Estrela

---

<sup>5</sup> Importa referir que, na Cidade de Maputo, existem outros agrupamentos de Tufo, todavia, o da Mafalala parece ser o mais requisitado para as atuações, a nível do Governo/Estado não só por ser o primeiro, como também porque o seu *locus* é a lendário subúrbio da Mafalala.

Vermelha; “Associação a luta continua”; “Mahafil Camarada”, etc. Acompanhado a efervescência revolucionária, simultaneamente com o seu contexto tradicional de atuação, a saber, religioso, casamentos, ritos de iniciação, festas, etc. o tufo é também convocado para abrilhantar as cerimônias atinentes aos feriados nacionais, etc. É nesse prisma que o tufo passa a incorporar novas temáticas relativas ao Projeto político-ideológico, social e económico da nova nação moçambicana. O fim da guerra civil, a abertura do país para a economia de mercado e ao multipartidarismo, constituíram novas áreas temáticas abarcadas pelo tufo.

Em suma, a evolução do tufo pós-independência refletiu-se numa “abertura constante a novos conteúdos temáticos, entre propaganda política e crítica das autoridades, orgulhos insulares e saudades de um passado acabado” (CACHAT: 2018: 193). Há registo de canções que acompanham as dinâmicas sociais e políticas como canções interpretadas na recepção de delegações de doadores e parceiros de cooperação.

### **Metodologia de Pesquisa**

O presente artigo tem como objeto de estudo a diversidade demográfica, sociocultural e multicultural do bairro da Mafalala; ademais, focalizamos, o agrupamento Tufo da Mafalala, história da sua criação, funcionamento, sustentabilidade e influência contextual. Nesta conformidade, partimos das seguintes perguntas de pesquisa:

1. Que fatores socio-históricos e culturais terão concorrido para a fundação do bairro da Mafalala?
2. Qual é o panorama linguístico, artístico e cultural do Bairro da Mafalala?
3. Em que medida a agremiação artística emblemática do bairro “O Tufo da Mafalala” sofreu influência contextual e é sustentável?

Para responder a essas perguntas de pesquisa, enveredamos por uma pesquisa qualitativa. Num primeiro momento, elegemos a pesquisa bibliográfica por forma a reunirmos referências teóricas relativas à diversidade cultural e linguística de Moçambique e da Mafalala, em particular. Num segundo momento, alicerçados na pesquisa bibliográfica, revimos conteúdos sobre a historiografia da Cidade de Maputo e dos bairros periféricos como forma de fundamentar o surgimento do bairro

suburbano da Mafalala e suas características socioculturais e linguísticas. Num terceiro momento, recorreremos à análise de conteúdo das entrevistas realizadas no âmbito deste Projeto, com o Presidente e a Rainha do grupo Tufo da Mafalala, com o desígnio de recolher informações atinentes à origem, funcionamento e sustentabilidade desta agremiação.

### **Tufo da Mafalala: Análise de conteúdo das entrevistas**

Com o objectivo principal de compreendermos a origem do grupo tufo, seu funcionamento e as influências contextuais, a equipa de pesquisa do Tufo da Mafalala<sup>6</sup>, entrevistou a Rainha do Tufo da Mafalala, a senhora Zaquia Rachide e, antes, em entrevista separada, o Presidente da agremiação, o senhor Momade Matamo Saíde.

### **Génese, designação, funcionamento e sustentabilidade do grupo**

O presidente do grupo Tufo da Mafalala, na entrevista em referência, começou por esclarecer que, com a morte do fundador do grupo, o senhor Matamo Saíde, seu progenitor, assumiu o lugar deste, i.e., na sua qualidade de filho primogénito, passou a exercer a função de presidente da agremiação, no longínquo ano de 2000. Na sua chegada à mais alta posição hierárquica, o agrupamento “Familiar Popular” (primeira designação do atual grupo “Tufo da Mafalala”) estava devidamente estruturado e em pleno funcionamento, daí a dificuldade de apontar com exatidão a data da fundação do mesmo.

A esse respeito, o presidente limitou-se a informar que o senhor Matamo Saíde era natural de Mossuril e que antes cantava e dançava em Nacala-Porto, tendo sido convidado por amigos a trabalhar na Cidade de Lourenço Marques, atual, Cidade de Maputo, em 1964, portanto há um pouco mais que meio século.

Zaquia Rachide (doravante, a Rainha do Tufo da Mafalala), imigrada da província de Nampula, norte de Moçambique, concretamente, do distrito de Monapo, onde fez a iniciação como dançarina e corista do Tufo, em entrevista cedida no dia 23 de Março do ano em curso, explicou que integrou o “Grupo Familiar Popular” do senhor Matamo Saíde, em 1989, na Cidade de Maputo. Naquela época, conforme a

---

<sup>6</sup> A equipa integra a Profa. Carla Maciel (coord.), Prof. Ernesto Júnior e a Dra. Tomásia Nhazilo.

atual “Rainha”, o agrupamento estava sediado, no Alto Maé, no prédio Belita. Naquela época, já integrada no grupo, casou-se, com o filho primogênito do fundador desta agremiação.

Na entrevista, a “Rainha” contou que o “Grupo Tufo Familiar Popular”, nos anos ’90, se transferiu para a Av. 24 de julho, para uma *flat* localizada perto do edifício da atual “Assembleia da República”.

No ano 2000, a sede do “Grupo Tufo Familiar Popular” é transferida para o interior do legendário bairro da Mafalala, onde o senhor Matamo Saíde, fundador do grupo, viria a perder a vida, deixando a agremiação de herança para si (Rainha do Tufo) e para o senhor Momade Matamo Saíde (atual presidente). “*Portanto, o atual “Grupo Tufo da Mafalala” é herança do meu sogro*”- Explicou orgulhosa a “Rainha do Tufo.

No tocante ao funcionamento do grupo, o presidente sublinhou que, contrariamente, aos dias correntes, o senhor Matamo Saíde era o *leader*, cantor e/ou corista e líder. Naquela época eram os homens que exerciam a função de coristas, líder e faziam a gestão administrativa. Este cenário mudou a partir de 1975. O líder conversou com os membros e decidiram que, daí em diante, seriam as mulheres a exercerem tais funções.

É nessa linha de raciocínio, que a “Rainha do grupo Tufo da Mafalala” referiu que antes da pandemia da Covid-19, o grupo tinha cerca de trinta mulheres e dois homens (os instrumentistas). E neste momento (depois da covid-19), o número de coristas e bailarinas reduziu para dez mulheres, mantendo o número de instrumentistas que são filhos do casal entrevistado.

No concernente às suas responsabilidades, a “Rainha” destacou que era ela que “fazia quase tudo”, ou seja, criar as composições, desenhar as coreografias, os passos da dança, dirigir os ensaios, corrigir e selecionar o repertório em função do contexto de atuação e da natureza dos eventos em que o grupo estivesse envolvido. Outrossim, é ela que seleciona a indumentária para os eventos, i.e., as capulanas. Em relação às blusas disse que eram compridas e de estilo antigo e também usavam o quimão. Esta indumentária, em condições normais era adquirida com o dinheiro das receitas das atuações em casamentos e em outros eventos em que o grupo é convidado. Em períodos de crise, como o da pandemia, os membros do grupo compravam por si as capulanas das atuações, elas próprias mandavam coser, com os rendimentos de pequenas vendas que fazem/comércio informal e ambulante de

pequenos artigos. Portanto, o estado tem promovido este agrupamento dadas as oportunidades proporcionadas para a promoção da sua imagem, todavia, não tem apoio financeiro da parte governamental para a sua sustentabilidade, sobrevivendo da receita gerada das atuações.

A entrevistada informou que a outra fonte de receita para o grémio provinha de atividades relativas aos ritos de iniciação, uma vez que, por exemplo, ela própria é educadora e tem recebido noivas solicitando preparação para a vida conjugal, em troca de um valor monetário. A entrevistada acrescentou que o grémio recebia também pequenas quantias de atuações para turistas que visitavam o grupo na sua sede. Concluindo, disse que os eventos oficiais do estado, não eram pagos, uma vez que “*O Estado não paga*” - concluiu.

Destacou ainda que o grupo necessitava de uma liderança forte e que era necessário, para tal, ter Fé e ter sentimentos pelas outras (coristas e dançarinas). Nestes termos, a Rainha é a chefe do grupo, compositora principal, maestra e primeira voz, é ela que decide em que posição cada bailarina fica na fila da dança, etc.; a Rainha é coadjuvada por duas mulheres que exercem as funções de vice e de conselheira do grupo.

Quanto à proveniência das mulheres do grupo, a entrevistada esclareceu que eram originárias de diferentes distritos da Província de Nampula, portanto, são imigrantes macuas e viviam em diferentes bairros da Cidade de Maputo, porém a sede da agremiação continua localizada no coração da Mafalala.

### **Ensaios, língua de trabalho e atuações**

Os ensaios decorrem, semanalmente, de 3<sup>a</sup> feira a sábado, durante duas horas diárias e, nessas sessões, preparam tudo – tufo, dança da corda, dança de *macepa*, *tsopé*.

A Língua privilegiada no Tufo da Mafalala é o E-macué, todavia, conforme explicou a “Rainha do Tufo”, em eventos organizados pelas entidades governamentais cantam também em Português e Xichangana. Esta referiu ainda que nas suas atuações cantavam também um pouco em Inglês. Relativamente à temática do vasto repertório do grupo, a “Rainha do Tufo da Mafalala” acrescentou que, tal como a diversidade das áreas de atuação, os temas abordados, acompanhando a dinâmica sociocultural e política do país, também eram variados, a saber: o quotidiano, a

intervenção e crítica social, as dinâmicas económicas, como a abertura do país à economia de mercado, o amor, a alegria, a beleza feminina e seus encantos, etc. sem deixar de lado a temático religioso nota-se aqui a evolução dos objetos retratados no Tufo.

Todo esse repertório, uma vez que a agremiação assenta na oralidade, não é registado por escrito, mantem-se na memória dos membros do grupo.

### **Um percurso de sucesso**

O percurso do grupo Tufo da Mafalala é de muito sucesso, conforme conta a “Rainha”, uma vez que o grupo fez atuações memoráveis em diferentes países/continentes. A “Rainha” lembra-se da exibição feita em São Paulo e no Rio de Janeiro; na Itália e nas três deslocações feitas à República da África do Sul, na era do Presidente Nelson Mandela. Mas foi em 2009, na República da Argélia no festival pan-africano, que veio a consagração. A imprensa radiofónica argelina, em jeito publicitário anunciava: “vem aí o tufo da Mafalala” e “olhem ali a Rainha do Tufo da Mafalala”. Assim, segundo a narração emotiva da Zaquia Rachide, ela se celebrizava, naquele momento, como a “Rainha do Tufo da Mafalala” e ao agrupamento, “Familiar Popular” batizado, quer no plano nacional, quer internacional, com o nome “Tufo da Mafalala”. E assim, é conhecido o grupo “Tufo da Mafalala”, do seu percurso de sucesso, a partir daquele festival em solo argelino.

### **Conclusões**

Do percurso realizado, podemos concluir que:

Relativamente ao primeiro objetivo em que pretendemos identificar os fatores socio históricos e culturais que teriam concorrido para o surgimento do bairro da Mafalala, concluímos, por um lado, que o incêndio que aconteceu na povoação portuguesa, em 1875, concorreu para que as populações nativas se afastassem cada vez mais do povoado dos portugueses; por outro, em 1895, teve início um processo de expropriação de terrenos decorrentes da necessidade de ampliação da Cidade de Lourenço Marques, por isso, as populações indígenas ali existentes foram empurradas para o interior, i.e., para a zona suburbana, da Mafalala. É nesta área pantanosa, portanto, propensa às inundações em época chuvosa, que os expropriados fixavam as suas residências. Além disso, encontramos também as

migrações internas norte-sul em busca das melhores condições de vida, na Capital, Cidade de Lourenço Marques.

No que tange ao segundo objetivo, cujo escopo recai sobre a análise/o estudo diversidade demográfica, linguística, étnica e cultural do Bairro da Mafalala, concluímos que: a Mafalala constitui um espaço de coabitação multiétnica, multicultural e plurirracial, tudo isto decorrendo de forma imprevista, não programada, de modo contraditório e à revelia da administração colonial portuguesa, dado o seu caráter profundamente segregacionista.

No concernente ao terceiro objetivo cuja intenção é descrever o emblemático “Grupo Tufo da Mafalala” em relação à sua gênese, influências contextuais, funcionamento e sustentabilidade, concluímos que o “Grupo Tufo da Mafalala”, antes designada ‘Familiar Popular’ foi fundado por Matamo Saíde, progenitor do atual presidente da agremiação. Atualmente, o Grupo Tufo da Mafalala, está sediado no interior do bairro do mesmo nome, funciona com 10 coristas/dançarinas, e 03 instrumentistas, possui um vasto repertório cujas temáticas abarcam desde o cotidiano, religião muçulmana, amor, ritos de iniciação, tópicos político-econômicos, etc. a diversidade é *per se* testemunho das influências contextuais. Estas podem decorrer nas questões de gênero, antes, eram os homens que cantavam e dançavam, mas na atualidade são as mulheres que o fazem, etc.

No que diz respeito à sustentabilidade do grupo, concluímos que se baseia nas receitas das atuações em cerimônias de casamento, ritos de iniciação, entre outros eventos. Assim, apesar do apoio governamental que reside na promoção desta agremiação através de convites para atuar em eventos oficiais do Estado, o que lhe confere visibilidade, reconhecimento, possibilidade de levar o nome de Moçambique para além fronteiras, de tal modo a ser elegível a Património Cultural da Humanidade, este agrupamento não recebe apoio financeiro para a sustentabilidade das suas atividades.

### Referências Bibliográficas

CHIMBUTANE, Feliciano. “O Uso da L1 dos Alunos como Recurso no Processo de Ensino Aprendizagem de/em Português/l2: o contexto de ensino Bilíngue em Moçambique’. In: Revista Científica da Universidade Eduardo Mondlane. Série: Letras e Ciências Sociais. 2015.

DIAS, H.N. “Diversidade cultural e educação em Moçambique”. São Carlos, n.4, dez. 2010. Disponível em: <<http://www.nomads.usp.br/virus/virus04/?sec=4&item=4&lang=pt>>. Acesso em: 09.04.2021.

FEIJÓ, João & RAIMUNDO, Inês M. *Movimentos Migratórios em Moçambique*. Maputo, Pubifx edições, 2018.

FIRMINO, Gregório. *A situação Linguística de Moçambique: Dados do II recenseamento geral da população e habitação de 1997*. Maputo: INE. 2000.

LE BON, Aurélio. *Mafalala: 1974. Memórias do 7 de Setembro*. Maputo: Movimento Editora, 2015.

MARNEY, Jonh. “As tradições musicais em Moçambique” In: MEC, *Música Tradicional em Moçambique*. Maputo. Serviço de Museus e Antiguidades, 1980.

MARTINO, Lutero & PERREIRA, Martins. “A influência Árabe na Música Tradicional”. In: MEC, *Música Tradicional em Moçambique*. Serviço de Museus e Antiguidades, 1980.

NHAMPOCA, Ezra. “Diversidade Linguística é uma das principais características sociolinguísticas de Moçambique” in: + [Mundos.mm2021.uem.2020/12/16/diversidadelinguistica-e-uma-das-principais-caracteristicas-sociolinguisticas-de-mocambique](https://mundos.mm2021.uem.2020/12/16/diversidadelinguistica-e-uma-das-principais-caracteristicas-sociolinguisticas-de-mocambique). Acesso aos 14.04.2021.

NOA, Francisco. *Além do Túnel: Ensaios e Travessias*. Maputo: Kapacua, Livros e Multimédias, 2020.

RHORMENS, Mariana Conde. *Tradições moçambicanas: o Mapiko*. Mestrado em Artes da Cena. Orientação: Matteo Bonfitto: Seminário de Pesquisa do programa de PósGraduação em Artes da Cena UNICAMP, Unicamp, 2013.

SARAMAGO, Jorge. *Centro Cultural da Mafalala: Cultura como Matriz da Arquitectura*. Lisboa, Faculdade de Arquitectura de Lisboa, 2019.

SITOE, Bento & NGUNGA, Armindo. *Relatório do II seminário sobre a Padronização da Ortografia de Línguas moçambicanas*. Maputo: NELIMO, 2000.